

# Complexa a trama em que se tece um psicanalista

*A Complex Plot that weaves a psychoanalyst*  
*Compleja la trama en que se teje un psicoanalista*

Marisa Schargel Maia

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

---

## RESENHA SOBRE O LIVRO:

*Presença Sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*

Daniel Kupermann.

Civilização Brasileira

Rio de Janeiro, 2008

---

Me lembro bem do ano de 1991 quando Daniel, eu e outros amigos do mestrado em psicologia clínica da PUC-Rio idealizamos o encontro *Confrontos em Psicanálise*. A idéia nasceu em uma das noites em que, inflamados, discutíamos a teoria, a política institucional e a prática psicanalítica. Queríamos debater grandes temas psicanalíticos a partir de olhares diversos. Dessa forma, cada mesa/tema era composta por três psicanalistas de linhas diferentes e o debate estava posto. Hoje, em passados quase vinte anos, posso dizer, com o sabor dos caminhos percorridos e revisitados, que um psicanalista não pode se eximir de seu tempo histórico, mesmo que ingenuamente o pretenda.

Há quem chame a década de 1980 como a “década perdida”. No mínimo, podemos afirmar que intitular assim esse período histórico é ter uma visão reducionista em que a esfera econômica se sobrepõe a todas as outras dimensões da atividade humana. Afinal, foi nessa década que o país reconquistou seu processo democrático, onde a liberdade começou a engatinhar timidamente. Foi também nesse período que presenciamos grandes viradas nacionais e internacionais marcaram as transformações mundiais que estavam por vir: o fim da guerra fria com a queda do *Muro de Berlim* que separava as duas Alemanhas, reunificando-as na República Federal da Alemanha; a democratização da Internet; em solo nacional, o movimento suprapartidário em favor da aprovação da emenda constitucional proposta pelo deputado

federal Dante de Oliveira; eleições por voto direto; a promulgação da Nova Constituição Brasileira... Sem dúvida, em termos econômicos, a década de 1980 foi de ajustes por relação ao *boom* desenvolvimentista dos anos 1970, mas para a geração de Kupermann era um momento de recuperação da liberdade do livre pensar.

É nesse *caldo de cultura*, no afunilamento da história da psicanálise brasileira embebida dos difíceis anos da ditadura militar, que podemos inscrever a produção do primeiro artigo deste livro. Em *Transferências cruzadas, transferências nômades* – reencontro do autor com sua pesquisa de mestrado – Kupermann esmiúça a história do movimento psicanalítico, apontando contradições importantes entre os jogos de poder institucionais e a formação do psicanalista - sua experiência pessoal de análise e sua prática clínica. Neste contexto, o caso Amílcar Lobo é paradigmático. Desse modo, o autor ara o terreno para sua própria história, sua formação psicanalítica atravessada pela reflexão acerca do processo histórico institucional da psicanálise e do momento socio-político brasileiro. O conceito de *transferência nômade* é um instrumento poderoso para o posicionamento ativo frente a *alienação transferencial* temida, mas sempre à espreita em um momento de “forçada” alienação política e social. A *transferência nômade* abre um espaço de desterritorialização, oxigenando o ar rarefeito das instituições de formação psicanalíticas. Os caminhos nômades não são caminhos errantes, mas

seguem as trilhas inventadas pelo desejo. Para essa geração, nascida e criada na ditadura, esse processo é vital, já que não se trata apenas de fazer a retomada do livre pensar, agora sem censura, como o foi para aqueles que eram jovens por ocasião do golpe militar. A geração 80 precisou encontrar formas apropriadas para um novo mundo que se apresentava – precisava “juntar os cacos” e construir um outro objeto.

Ao pensar a sua formação e a prática clínica a partir dessa crítica radical à psicanálise do século passado, experimentando em sua própria história os caminhos para onde a transferência nômada o levaria, Kupermann pode se lançar em uma reflexão sobre a teoria da clínica e da própria metapsicologia freudiana.

Na segunda parte do livro, chamo a atenção do leitor para o artigo *Presença sensível*, que inspira o título da publicação. Sem abrir mão do estilo crítico na reflexão teórica, em que a história da psicanálise com suas diversas abordagens comparece, nos “bastidores”, dando estofamento e rigor à conceituação, vemos surgir o caminho que o levará a adentrar o debate contemporâneo sobre a clínica dos “casos difíceis”. Daniel aprofunda sua amizade com dois autores aos quais vem se dedicando ao longo dos últimos anos, Winnicott e Ferenczi, que lhe emprestam as ferramentas fundamentais para pensar as premissas básicas para uma *ética do cuidado* em psicanálise. É bem verdade que os *casos difíceis*, atualmente chamados de *novas patologias*, não se constituem como um novo formato do mal-estar da alma na atualidade, já que foram objeto de constante reflexão clínica e teórica de Sándor Ferenczi, um dos pioneiros da psicanálise, e posteriormente de Donald Winnicott. No entanto, é também verdade que o fazer analítico com essas configurações subjetivas, hoje abundantes, nos exige uma reconfiguração clínico-ético-conceitual para melhor responder às questões subjetivas aí colocadas.

Assim, lemos que o analista é “convocado em sua disponibilidade sensível para promover a produção de sentidos na experiência psicanalítica”. Na busca dessa sensibilidade tão cara ao ofício do psicanalista, Kupermann articula com habilidade importantes trabalhos desses dois teóricos, revelando a especificidade do estilo clínico por eles desenvolvido. Os ensaios “A elasticidade da técnica psicanalítica”, “A adaptação da família à criança” e “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, de Ferenczi, se entrelaçam com “*Desenvolvimento emocional primitivo*”, “*Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico*” e “*Formas clínicas da transferência*”, de Winnicott, para nos inspirar no enfrentamento dos desafios contemporâneos da psicanálise.

Em busca da sensibilidade clínica, o *tato* do analista, conceito resgatado da obra de Freud por Ferenczi, é

chamado a comparecer, em sua proximidade com o conceito de *empatia* (*Einfühlung*), cuja tradução literal é “sentir dentro”. Não se trata de identificação do analista com o analisando, ou mesmo, de uma projeção sobre este de conteúdos psíquicos do próprio psicanalista. Trata-se, como encontramos na formulação de Daniel Kupermann, de “um compartilhar afetivo que, por meio do encontro lúdico, favorece a produção de sentidos para as experiências de cada um dos parceiros de análise”. De fato, a qualidade de *sentir com o analisando* é uma poderosa ferramenta quando o analista navega por essas águas sutis. O *tato*, ou *sentir com* o paciente, promove uma sintonia fundamental na qual o analista, além de poder se sensibilizar para agir clinicamente, pode também compartilhar afetos vitalizantes próprios das experiências de cuidado. Como escreve o poeta Rilke: “nossos sentimentos não podem fazer outra coisa senão crescer com a empatia. Daí para a imitação é um outro caminho – de certo modo, um caminho para trás, pois a empatia dirige-se para dentro, enquanto a imitação volta a emergir no visível e é realmente, com isso, a perda imediata do que foi conquistado”.

Neste campo de questões, o acolhimento ambiental toma o primeiro plano, pois cria as condições necessárias para o resgate da espontaneidade, da amorosidade e da ludicidade perdida pelo recrudescimento de experiências traumáticas. Em um ambiente “suficientemente bom” se torna possível a confiança tão necessária à *regressão*, que abre espaço para a experiência compartilhada de afetos recusados ao longo dos processos de subjetivação. Neste bojo, Kupermann sublinha e chama a atenção para o manejo clínico do afeto do ódio, sem dúvida o maior espinho do trabalho do analista.

Na terceira e na quarta parte do livro, o debate teórico-clínico acerca da experiência e da prática psicanalíticas se aprofundam: o ato criador, o lúdico, a estética da clínica e o humor são temas recorrentes no autor que, ao serem elaborados, delineiam um estilo singular para o ofício do psicanalista.

De fato, a formação ética, estética e política de um psicanalista está em jogo em todo o percurso da leitura. Não existe, para o psicanalista, formação acabada, ou análise terminada. O psicanalista, a partir dos escritos de Kupermann, é um brincante que leva o jogo da existência a sério, sem blefes, onde estão implicadas alma, razão e sensibilidade. Na busca de uma teorização clínica que dê conta do acolhimento do sensível subjetivo, Kupermann lapida seu próprio estilo para clinicar, que pode ser sintetizado por uma ética do cuidado em psicanálise e pela *presença sensível* do psicanalista frente às vicissitudes do sofrimento psíquico. Se existem premissas para pensar a clínica,

essas devem ser calcadas nas dimensões vitalizantes da subjetividade.

Por fim, a leitura de *Presença sensível* constitui um aprendizado importante para aqueles que, por se saberem psicanalistas, não podem desistir de indagar-se sobre a *experiência-de-existir-com-o-outro*.

Recebido em: xxxxx. Aceito em: xxxxx.

**Autora:**

Marisa Schargel Maia – Psicanalista. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UFRJ. Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa Perinatologia/Maternidade-Escola da UFRJ/CNPq. Autora de *Extremos da Alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*, e organizadora da coletânea *Por uma ética do cuidado*, ambos editados pela editora Garamond.

**Enviar para correspondência:**

Marisa Schargel Maia  
Travessa Euricles de Matos, 28  
CEP 22240-010, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Tel.e: (21) 2265-5353  
E-mail: msmaia@centroin.com.br